

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: VALERIO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, G. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 2 DE MARÇO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento antecipado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300 rs.
 Colonias..... 400 *
 Brazil (moeda forte)..... 900 *

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS

Fazem 1000 exemplares.

O. CARNAVAL.



R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 - Rua da Palma, 133, 1.^o

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 - LISBOA

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS

+ DE +

Joaquim José d'Almeida

Rua José Antonio Serrano, 34 - LISBOA

(Antiga Casa Colégio)

Venda d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral - Partos

R. de S. Roque, 47, 1.^o - Das 3 ás 5 da tarde

TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO CIRURGIO

Rua Maria Andrade, 10, 2.^o-D.

Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA + + + +

◆ ◆ MEDICO CIRURGIO ◆ ◆

+ + + + R. S. Vicente á Guis, 22, 1.^o

LUZ KITSÓN

Petroleo por incandescencia

A mais brilhante, a mais economica

Sem cheiro nem fumo, L. M. LILLY, successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.^o-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta e esta Redeção

RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estajo proprio para brinles, desde 10000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.^o-D. Lisboa.

PIANOS
A. NASCIMENTO

Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e concertos para piano e harpa, etc., etc.

TRABALHOS GARANTIDOS

Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitaario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 - J. A. CRUZ

LOUÇAS VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa



GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

BIKCYLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTACÕES

CASA VELO-PORTUGAL
J. de COSTA BRAGA - 21 RUA MARIA 23 LISBOA

BIKCYLETAS DAS MAIS MODESTAS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RAZOAVEIS

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta inglesa, de 1.^o ordem que sob a denominação de

"VELO-PORTUGAL"

vendemos-de ha 3 annos, accreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclistista que o ignore.

Ninguem imita artigos sem reputação.

O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenas de imitadores.

Quem visita a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido.

Solicite-se com cordial empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se contrange ninquem a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclistista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, subemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciamos milagres, nem nos arrogamos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplemente:

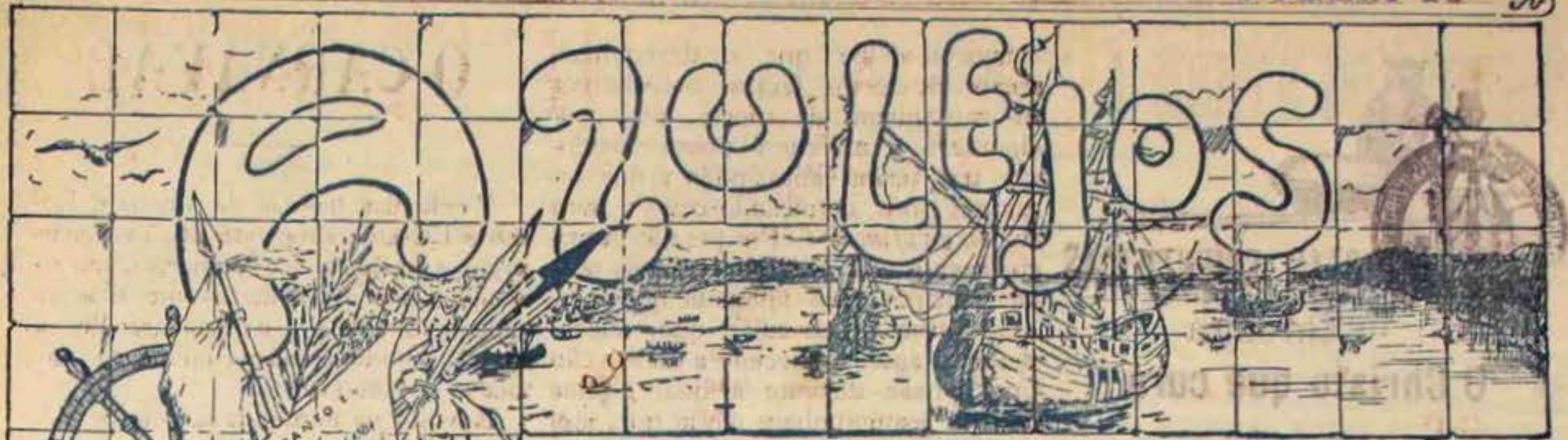
Bicycletas das mais modestas as de maior luzo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respecta a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pode garantir para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo reclamos esphatofosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas nos dem fornecer por menos, e nada mais.



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Segunda-feira
2 DE MARÇO DE 1908

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ...

sem torradas



PRECLARISSIMOS LEITORES

As sondagens recalcitrantes dos mundos sorumbaticos e das regiões cahoticas que nos envolvem, deparam-se nos conglobados em horridas esterilisações os balsamos insondaveis das torrentes vagabundas.

Domesticadas pelos meteoros subjacentes das camadas peristalticas, que tudo enredam, julgam-se materializados nas torradas subtilezas dos ambitos cavernosos.

E' estonteante a adolescencia petrificada dos cosmogonicos e, embora as degenerescencias empireumaticas se concretisem pelas superficies emphyteuticas, difficilmente se extravasam sobre as convulsões scismaticas dos systemas elegiacos.

Tudo parece despenhar-se pelas alcandoradas ribanceiras dos vendavaes eucalypticos, tudo se nos apresenta corrupto e tetrico, insolito e phantasmagorico, tão grandes são os asteroides preponderantes das facanhas incruentas dos ergástulos resumidos; e, quando attentamos nas vibrações sedentarias dos arúspices encanecidos, curvamo-nos confundidos pela celeuma dos remeiros.

A ereita dera o emblematico resultado gravado no equinoxio e, instillada a magniloqua myva nas fendas reconditas das intumescencias hyperbolicas, desfizeram-se impavidas as insoffridas recravas.

A eubiotica tinha desaparecido e nos eugraphos esculpia-se em traçados amorphos a approximação da pathognomonica que se perdera em labyrinthos pyramidaes. Era certo e emblematico, o horoptero fôra rigoroso.

Espalharam pelas planicies concretisadas uma alluviação de empenos, um sem numero de apaniguados, mas á beira dos marasmos, quasi a afundar-se nos ignominiosos tentaculos das mirificas probabilidades, por entre os tortuosos amphitheatros da renascença inclita, proseguiram na sua tarefa de largueadores sem quererem applicar a malagma indispensavel ao empireumatico descalabro das gerações hibridas.

Não pensaram no afunilado exordio da stulta somnolencia dos arbitros desvanecidos, sorriram stridulos e ficaram envoltos no torvellinho sordido da ignorancia présbita. Olhando desconjuntados para o labor de muitos seculos, synthetisaram o epitome estarrecido do clangoroso omnisciente.

Impávidos, tetricos, rútilos, indómitos e plácidos, enveredam pelos caminhos calcinados pelas torrentes vulcanicas de enormes sulfataras; mas, a implacavel soffreguidão dos mythologos allucinados, impede-lhes o passo rapido, força-os a parar de subito e encarando attonita a escassez prismatica da insufficiencia gastrica, dispersa n'um momento o stulto rudopio das gerações obnoxias.

Approximavam-se os canaliculos kaleidoscopicos supinamente esvasiados pelos arreboés periclitantes das

multidões ignaras, com a consciencia abrupta dos rochedos espumosos e das excrecencias pérfidas, a enclavilhar-se sobre as gangrenosas origens das astralidades amorphas.

Então, entumecidos pelas calamitosas e suporiferas epopéas de risornhas crenças, engrinaldam as fronte com os lemniscos de idéas aranciformes que os enervam e, acreditando no vasculejar do atabéfe e dos cataclysmos psychicos, decalcam assombrados os vendavaes euphonicos.

Era o estrallejar insipido das ephemerides crystallisadas.

Impellira-os a fatalidade para essa vereda esqualida de horisontes empedernidos, abruptos e assoberbados pelos rumores tonificantes de muitos subterfugios e, inclinando-se impávidos perante o destino incólume, declararam-se vencidos pela prolifica transformação de grandes idéas radioformes.

Chalaca, chalaca apenas, porque a serio não poderiam encarar-se esses tremedaes insipidos em que se atropellam os vagabundos preconceitos das multidões imbófiás!

Chalaca, chalaca, que a Historia no rudopio dos tempos, tudo inscrevera nas paginas humedecidas pela furia demoniaca de mil e um acontecimentos.

E quando ao mar, ao mar que se convulsiona, rugo e encapella, os cyclopes demolidores tiverem arremessado o camartello com que rasgaram os alicerces de sorridentes plagas; n'esse dia em que o rútilo sol das regiões orientaes cair a prumo sobre nós para nos aquecer e allumiar.....

Carnaval, Carnaval, como é bom para os rapazes este tempo de folia.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

O Christo que cura

(Conclusão)

Muito desejaria agora ter a mão extremamente leve e encontrar á minha disposição vocabulos adequados, para não offender a susceptibilidade de ninguem. Sem querer offuscar qualquer das pessoas que não vêem senão milagres e influencia divina n'estas extraordinarias narrativas, não poderíamos concluir, sem deixar de ser respeitosos para com o Mestre, que elle devia ter noções ou intuições especiaes em questões de physiologia e de therapeutica, e que d'ellas se aproveitou, isto afóra o ascendente moral que todos os entes superiores, que os demais fundadores de religiões não cessaram de exercer sobre os enfermos e nevropathas do seu tempo?

«A medicina, escreveu Renan, era n'essa epoca na Judeia o que é ainda hoje no Oriente, isto é, de nenhum modo scientifica, absolutamente entregue á inspiração individual. Em tal estado de conhecimentos, a presença de um homem superior, tratando o doente com doçura e dando-lhe por meio de alguns signaes sensiveis a certeza do seu restabelecimento, é muitas vezes remedio decisivo. Quem ousará dizer que, em muitos casos, e afóra lesões inteiramente caracterisadas, o contacto de uma pessoa prestigiosa não vale tanto como os recursos da pharmacia? O prazer de a ver cura. Essa pessoa dá o que pode, um sorriso, uma esperança, e isto não é vão».

Quanto ás ressurreições, podem ellas admitir-se, mesmo no ponto de vista puramente humano, baseando-nos em dados scientificos geralmente admittidos hoje, a proposito da morte apparente e da morte real. Já se conseguiu fazer recuar as fronteiras da vida, mesmo quando esta parecia haver desaparecido ha certo tempo já, e ressuscitar assim asphyxiados, afogados, enforcados, miseros entorpecidos de frio, hystericos, principalmente catalepticos, etc.

Graças ás trações rythmicas da lingua, ás pontas de fogo na região cardiaca, á electrificação do diaphragma e a outras receitas ainda, escaparam ao perigo de serem enterrados vivos.

Em um notavel artigo, ha mezes publicado, o Dr. Quintard designa, sob o nome de *Hora fatal*, o momento em que o nosso corpo, privado da mysteriosa força que o animava, volta á materia d'onde sahiu.

Afigurou-se-lhe que o desconhecimento de certos factos, correlativos ao mecanismo da morte, nos condemnava a marcar á nossa existencia um termo antecipado e que faziamos soar demasiado cedo a hora do *De profundis!* «Porque não introduziremos, diz elle, no cyclo da nossa vida, por mais apagada que seja, essa phase crepuscular que, succedendo á agonia, precede a dissolução final, phase durante a qual alguns clarões testemunham ainda que, sob as cinzas amontoadas do organismo, o fogo só gradualmente se vae extinguindo?»

«... Sabe-se que a persistencia da vida, na ausencia, das pancadas do coração, é admittida por esses finos ouvidos, que possuíam Courbet, Jossat, Depaul, que lograram reanimar recém-nascidos, fulminados, enforcados, asphyxiados, cujo coração estava absolutamente silencioso. Por isso a paralyção d'este orgão não é já considerada como uma condemnação á morte. O coração é incapaz de fornecer uma indicação precisa da nossa passagem da vida á morte, e o somno eterno não começa immediatamente apoz a derradeira systole. A paralyção da circulação não traz consigo a sideração immediata de todos os nossos orgãos.

«... Cedo ou tarde, apparecerá um cirurgião, estimulado pela convicção ardente de que um pouco de vida persiste ainda n'um individuo classicamente morto, e n'esse caso prescrutando resolutamente o cerebro, o coração ou o pulmão, livrará das suas peias o orgão lesado inaugurando d'est'arte a era das ressurreições scientificas, era gloriosa de que Claude Bernard foi o fecundo iniciador».

Deixo-vos sob a impressão d'estes pensamentos um tanto perturbadores. Limitar-me-hei a concluir que, na derrocada geral dos povos, um novo Verbo seria ainda bem necessario para nos tornar menos deshumanos e mais equitativos, para nos ensinar a fraternidade, quebrar as algemas dos escravos, dos parias, flagellar os egoistas, os phariseus auctoritarios e os escribas hypocritas, acalmar os violentos, substituir os anathemas pela caridade, embora um novo Golgotha esperasse aquelle que viesse prégar o progresso pelo sacrificio e trazer emfim as luzes do alto ás nossas paixões e fraquezas!

DR. GRELLETY (de Vichy).

A nossa Estante

Anuario de O Banguella. — Recebemos este util e interessante livrinho que encetou agora a sua publicação.

Elucidativo, annunciador, contendo bellos trechos em prosa e verso, torna-se, por tudo isto, muito recommendavel.

Agradecemos o exemplar recebido.

O CARNAVAL

Vindo das bandas da Grecia e Roma o Entrudo chega até nós com seus esgares de borrachão immerito, um riso alvar a contrair-lhe os musculos da enfarruscada face e a escancarar-lhe a bocca, d'onde se escapa um cheiro pestilento a vinho azedo.

Envolto na immunda farpela de *ché-ché*, com barriga de farrapos, cabelleira d'estopa, a face e chifre nas encardidas mãos, ou envergando a *genial* concepção artistica da *fralda de camisa*, é sempre o mesmo safardana insipido e malcreado, que o furor das ligas réclamo-hygienicas contra todas as doenças e poeiras já deveria ter pedido para ser expropriado por utilidade publica.

O *salsa*, explorador dos dezreizinhas, no carnaval d'actualidade é o eloquente representante do miserrimo e desgraçado espirito mandrião d'este paiz, onde meia população, rija de pernas e arcaboço, entendeu que ha-de viver sugando a outra metade, que enfatuada e tambem parasita por outros processos, arma em Caridade de pataco, sempre *incognita*, é verdade, mas com capa d'asperges, salvas de vinte e um morteiros e grande espalhafato nos jornaes, porque os reporters, diz-se depois, mettem o nariz em toda a parte e vão narrar até estes *segredos da arte* de praticar o Bem, que chega a *parecer impossivel* como se *descobrem*.

Em Portugal escusavam-se bellamente os tres dias carnavalescos da folhinha. O paiz é já de si retumbantemente carnavalesco nos tresentos e sessenta e cinco dias de cada anno.

Desde a virtude triumphante até á canalha selvagem, desde a *vilhenatica* fanfarronada da grande gala de janeiro até ás abas da casaca do Snr. Marquez de Franco; desde o comicio republicano até á historia do Frei Thomaz; desde o discurso socialista do sr. Gnecco, onde se proclama a sardinha assada como prato obrigatorio *de nos todos proletarios*, quando afinal se jantam e ceiam os petiscos do Leão d'Oiro, até á paparrotice d'estes sabios de cavallinho que, sem nos explicarem o mais simples phenomeno, se julgam no infinito da Sciencia; desde o Judas do sr. Lacerda até á pornographia da revista do sr. Biptista Diniz, tudo cheira a um entru-do faceto, pegado e interminavel.

E, note-se, já os hebreus se mascaravam, na festa a Pharimo, zombando das leis prohibitivas, já gregos e romanos eram mascarados nas festas *bacchanaes, saturnaes e lupercats* e, ainda depois, na Edade Media, desde o Natal aos Santos Reis, havia nas egrejas as festas dos *doidos*.

Nas bacchanaes, em honra do deus Baccho figuravam as suas sacerdotisas e as virgens, braços dados com silenos e satyros; nas saturnaes, em louvor de Saturno, a de 17 de dezembro,

dava-se durante cinco dias liberdade aos escravos e atafalhavam-se os estomagos com exquisitos acepipes; nas luprcaes em homenagem ao deus Pan, matavam-se cabras e enchiam-se taças com o seu sangue, que ainda quente era assim levado pelas raparigas em correrias desordenadas.

As bacchanaes, saturnaes e luprcaes, são feitas em Portugal diariamente, pelo janota de bigode pintado, pela elegante d'ancas postizas e carmin nas faces, pelo Zé Povinho aos S S nas viellas com acompanhamento da cutilada e tiros policiaes, enquanto a gatinagem lhe rouba á larga e á vontade a casa despovoada.

Alto lá, *seu* Borda-d'Agua, modifique o seu cathecismo do tempo e escreva: *Carnaval* = Festa immovel e inamovivel; começa a 1 de Janeiro e... nunca mais acaba.

LAMPARINA.



O Crime

“Dellard”

GORON

(Continuação)

VI

Chamei o meu secretario. Anastay ditou a declaração e a seguir assinou-a.

Quando entrei no meu gabinete, levando a declaração de Anastay que apresentei ao juiz d'instrucção, a minha cara devia mostrar bem um sentimento diferente d'aquella que apresentára minutos antes, ao sair.

— «Assinada pela propria mão do acusado, disse eu a Mr. Poncet pondo-lhe o papel ao pé dos olhos.

Mandou-se chamar M.^{me} L. D., e poz-se ao corrente do que se passára; em presença da declaração do maior interessado, não insistiu no seu anterior depoimento, confessando não comprehender como as coisas se haviam passado. Mais tarde viemos a sabêr por ella propria que o relojio na noite do crime se atrazára enormemente sem que nunca se tivesse podido sabêr a causa do atrazo.

Outras coisas vim ainda a sabêr alguns dias mais tarde, e entre ellas: que o famoso casacão, tão falado durante este doloroso processo, não fôra comprado em Lyon, mas sim feito no casão do regimento; que o empregado do bazar que pretendia têr vendido a faca ao criminoso, se enganára e que não fôra a Anastay que a vendêra. Emfim... vim a sabêr... que a celebrada pasta que todos tinham visto debaixo do braço do acusado... fôra objeto que elle nunca possuira.

Se, no momento em que M.^{me} L. D., fez o seu depoimento, eu estivesse ao facto das particularidades que acabo de expor; se alguém me viesse dizer e provar que o que eu julgava provas eram apenas coincidencias;

teria por acaso a certeza, como tive nessa occasião, da culpabilidade de Anastay?

E' pouco provavel!
Não me teria de certo lembrado pedir ao acusado me dêsse hora certa da sua entrada na casa onde passára a noite e, sem provas, lamentando a minha ineptia e falta de tacto, teria simplesmente aberto pela minha propria mão a porta da gaiola ao passaro que tanto me custára a agarrar.

Mas não aconteceu assim; o que prova que o aca... é o melhor e o mais habil dos policias conhecidos.

Os reporters assaltaram-me novamente. Davam-me assim idea duma matilha de cães esfomeados!

Para acalmar-lhes a fome informei-os da prisão provisoria de Anastay: contentáram-se com o osso e foram-se. Não era sem tempo: no relojio do meu gabinete batia pausadamente a uma da manhã.

Mr. Poncet, mais socegado, resolveu recolher a sua casa, antes porem de partir, disse-me:

— «O caso não está mal figurado, mas, para a coisa sêr completa, é nos necessaria a confissão de Anastay!»

Ora com que o juiz veiu á feira! Isso sabia eu! E o objéto de todos os chefes de Segurança, passados, presentes e futuros, foi, é e hade sêr sempre a confissão do criminoso!

Sem ella não se pode fechar a instrucção sem deixar, mais ou mênos, a duvida no espirito publico.

Saiba agora o leitor que eu tinha ao meu serviço um agente especial, homem extraordinario cuja especialidade fôra sempre e continua sendo, arrancar aos acusados as confissões dos crimes.

Mandei chamal-o.

— «Barbaste,» disse-lhe ao vê-lo per «filado diante de mim» conhece o crime «de que Anastay é acusado?»

— «Perfeitamente, meu chefe!»

— «O homem nega! Vá para o pé delle e «obrigue-o a falar!»

— «Sim meu chefe,» respondeu Barbaste e rodando sôbre os calcanhares, saiu do meu gabinete.

Durante o resto da noite Barbaste não abandonou Anastay um só momento; usou de todos os recursos de que dispunha, empregou o melhor da sua labia mas os seus esforços foram infructiferos. Perdeu o latim porquanto, de madrugada, estava tão adiantado como na vespora.

Logo de manhãzinha appareceu Mr. Gévelot. Vinha vêr o Anastay, a quem conhecia por havel-o encontrado muitas vezes em casa da baronêza. Falou-lhe e pediu-lhe que, ao mênos, atenuasse o horror do seu crime, confessando-o abertamente.

(Continua)

Soneto

(a minha irmã Eugénia)

Como as virgens do sonho audaz de Klops-
tock
E' lindo, encantador o teu perfil de celta;
O' minha loira irmã, tão delicada e esvelta,
Tua cabeça lembra um espumante «bock».

Lembra o incendio heroico e fulvo de Wal-
purgis
O teu cabello flavo... e és alta como a
palma
Quando á tua janella altivamente surges
O teu olhar azul parece um niar em calma.

Tu foste a Beatriz d'um eido florentino...
Recordas a sorrir o Raphael de Urbino,
Madonas ancestraes, olhos de luz infinda

Comtudo, é «Mais Formosa» a Virgem que
eu adoro
A Desmedona santa, a quem me curvo e oro
Menos bella, que tu, é para mim mais, linda.

EDUARDO METZNER.

A MORTE DO PIERROT

Andava o Carnaval a rir pelas ruas, enfarinhado, alegre, truão, cantando lóas ás moças, intrigando namoradas, deilhando guitarras, irrequieto, estouvado, bulhento; e a multidão ia formando alas, para o vêr passar com o seu cortejo de loucuras e de prazeres, arlequinadas grotescas, deusas avariadas, farandolas de ébrios. Pelas janellas travavam-se combates, volteavam nos ares nuvens de *confetti*, ouviam-se gritos, risadas, musicas que desafinavam, trinados de castanholas, guisos de equipagens, pragas, clamores; parecia que, por algumas horas, toda a humanidade havia enlouquecido.

Por toda a parte uma alegria enorme; apenas em casa do menino Alvaro mal se continham as lagrimas, mal se disfarçavam tristezas.

Havia mezes que a pobre creança estava soffrendo de doença, que, pouco a pouco, o ia definhando. Estava perdido, irremediavelmente perdido. Assim o declaravam os medicos, sem esperanças de darem forças e vida áquelle corpinho de seis annos. Debalde todos os cuidados, debalde todos os carinhos. A febre não o largava, a tosse despedaçava-lhe o peito em crises successivas e as suas mãosinhas transparentes, adelgaçadas, mal sustinham os brinquedos que a mãe lhe ia trazendo a seu pedido.

E fazia dó a alegria do pequeno deante de um titere de côres festivas, que levantava as pernas, arqueava os braços, escancarava a bocca, como que a distrahil-o, como que a trazer-lhe, ao seu leito de dôr um pouco da alegria que andava lá por fora.

O boneco estravagante e divertido lembrava-lhe o seu fatinho de *pierrrot*, estreado no anno anterior, n'um baile de creanças, dançando á roda com graciosas princezas, pagemsinhos com lindas rendas e velludos, cardeaes e archiduques, quasi todos da mesma idade, todos elles felizes, saltitantes, cantadores, como bandos de aves a esvoaçar ao sol.

Que differença de um anno para o outro; tantos risos então, tantas desditas agora, pensava a infeliz mãe, notando que a vida do seu filho adorado ia a fugir-lhe, a fugir-lhe... e elle sempre a architectar lindos castellos dourados na sua imaginação de creança, dias muito risonhos, dias muito alegres, como noivados de rosas, como harmonias do ceu, não comprehendendo que a morte andava ali proxima, a avisinhar-se-lhe cada vez mais para lhe cravar as garras negras e leval-o a rir, a rir, com esse riso cruel da sua mascara medonha.

E lá fora, pelas ruas, as fanfarras não se calavam, as gargalhadas não emudeciam, antes parecia que a saturnal augmentava de entusiasmo e de loucura na sua correria doida.

Aos ouvidos do pequenito Alvaro chegava o echo de todo esse bulicio infernal, por muito que se calafetasse as vidraças. Pediu que o levassem á janella, que atravez dos vidros, o deixassem gosar da felicidade dos outros; e os seus labios sorriam, o seu olhar animava-se; ao ver tres esfarrapados, pintados de vermelho, em esgares e histriões saltando pela rua.

Todo elle tremia, curioso, cheio de jubilo, a bater as palmas, a cada mascarada que passava; e ao ver, n'um carro, um grupo de palhaços, agitando no ar os seus barretes brancos, a rirem-se para elle, a dizerem-lhe adeus como se fossem amigos, a atirarem-lhe flores, o pobre Alvaro, a rir, a rir tambem, pedia que lhe trouxessem, de pressa, o seu fato de *pierrrot* e que lh'o vestissem, sim, que lhe envergassem aquelle largo casaco, de mangas muito compridas, a golla rendilhada, o chapéu de feltro, molle, posto ás tres pancadas e que lhe enfarinhassem as faces, tal qual como havia um anno... Era vêr-se ao espelho, amparado pela mãe que occultava em cada sor

riso um milhão de lagrimas, o pequenino Alvaro delirava de contante, feliz como um nababo realisando todo o seu sonho de ouro.

Ao mesmo tempo a campainha da porta vibrou n'um toque de surpresa e pela sala dentro entrou a chilrear, festivo como auroras, um bando de creanças, vestidas como elle, o mesmo que elle ha pouco, vira passar sob a sua varanda, agitando no ar os seus barretes brancos, a atirar-lhe beijos, a cantar-lhe saudades.

Amigos todos elles, e ha tanto que os não via! Queria dançar a roda, tal qual como outr'ora; sentia-se tão feliz... E abrindo os bracinhos, arregaçando as mangas, n'uma momice grotesca, tomava as mãos de dois companheiros, ordenava que fizessem como elle, dava o signal de começar; e a roda girava ao som dolente de uma cantilena entoada em côro, que se ia animando pouco a pouco, entonteando, impellindo, arrastando os alegres *babies* a um galope mais que moderado.

De repente ouviu-se a queda de um corpo. Era o do Alvaro.

O côro calou-se e a mãe, afflicta, accudiu ao pobre filho, erguendo-o santando-o nos joelhos, a investigar n'um olhar de amor, se alguma coisa lhe havia succedido. Sobre a golla de renda, a passar para a alvura do casaco de largos botões e mangas de medidas, corria um fio vermelho.

Os *babies*, assustados, ficaram como estatuas. Com a cabeça encostada ao peito maternal, o desditoso Alvaro, nos labios enfiados, deixava perceber... o seu ultimo sorriso.

—Morto! morto! gritou a pobre mãe, aconchegando-o muito a si, como a querer passar-lhe toda a sua vida, n'uma torturada ancia de amargura e de saudade.

E os pequeninos *pierrots*, ha pouco tão alegres, tiravam seus barretes, n'um silencio de dôr, ajoelhando, amedrontados, em volta do cadaver.

Lá fóra o Carnaval continuava a rir, a rir, na sua correria doida.

C. DE MOURA CABRAL.

TROVÃO BEZELGA

Quando Christo se gerava
A Virgem teve um desejo:
Beijar o Sol que passava...
Tu nasceste d'esse beijo!

Procurou-te o Christo em vida
Correu por ti mundo inteiro...
Mas tu não eras nascida
Deixou-se matar solteiro!

JOÃO BEZELGA.

CLARISSE

(Continuação)

— Sim, mas a aurora occulta-se entre espinhos, a flor brilha sobre cumes inacessiveis e muitas vezes a ave, que a brisa leva ou que o ninho chama, não quer ou não pode deixar-se apanhar.

— Ah! minha senhora, é uma intimidação e não posso mostrar-me menos intrepido do que v. ex.^a

— E em que vou ser intrepida, senhor, perguntou a menina de Gavre com fingida surpresa.

— Não era a proposito de mim que alguém lhe dizia hontem *tenha*

cuidado e não respondeu com inflexão quasi heroica: *Oh! eu nada receio!*

A menina de Gavre tornou-se seria e não respondeu. Baixou a cabeça senti a mão tremer-lhe sobre o meu braço. Parecia curvar a fronte sob o peso d'uma recordação dolorosa, cuja influencia tinha já notado muitas vezes quando a sua alma queria abrir-se. Finalmente levantou para mim os bellos olhos com expressão de tristeza, como para me deixar ler n'elles a candura do seu pensamento e disse-me com seriedade:

— Não, senhor, não receio nada, porque possuo um talisman que, espero, nunca me faltará.

— E esse talisman? perguntei com sorriso um pouco ironico.

— E' o dever, senhor.

Olhou com tanto orgulho para mim ao pronunciar esta phrase, havia tão santa e talvez tão triste resignação n'esse olhar que, aquella fragil creatura, em que radiavam pouco tempo

Nota Carnavalesca



— A Senhora faz-me um favor?
— Com todo o gosto. Se for coisa que esteja na minha mão...

antes as risonhas graças da infancia, pareceu-me de repente envolta n'uma atmospheria de dignidade e de grandeza que não havia suscitado n'ella.

Quasi tinha vergonha de mim. Mas este bom sentimento foi depressa suffocado por esse odioso e estúpido amor proprio de rapaz que, para não ser ludibriado nos faz commetter tantas cobardias. Deixei-me, pois, arrastar novamente a esse jogo excitante e cruel e tornei com voz ironica:

— Sabe, minha senhora, que tão absoluta confiança em uma palavra poderia parecer, a alguns, um pouco presumçosa?

Clarisse olhou para mim fixamente como se hesitasse em comprehender-me; depois disse n'um tom em que se trahia o soffrimento:

— Olhe, senhor, peço-lhe que terminemos esta conversação que, provavelmente, não tem mais interesse para o senhor do que para mim.

E, voltando-me as costas, dirigiu-se para o caes, onde os viajantes começavam já a embarcar.

— Diacho! dizia eu comigo seguindo-a e um pouco humilhado com a lição, isto parece-me uma despedida delicada, e esta menina parece ter maravilhosas disposições para a comedia.

Recitando mentalmente este monologo, sentára-me junto da menina de Gavre, na embarcação para que entrara. Ella tinha a cabeça inclinada para fóra e parecia olhar com muita attenção para a agua sobre que deslisavamos. Mas apesar de todo os seus esforços para a occultar, surpreendi uma lagrima que, correndo ao longo da face, foi accrescentar uma ruga imperceptivel ao sulco da barca.

Senti o coração oppresso. Que me havia feito aquella pobre creança que eu perseguia assim? Mostrára-se logo ao principio francamente amavel comigo, que lhe era inteiramente desconhecido e que algumas prevenções deviam até tornar suspeito.

Fui o primeiro a subir para bordo do vapor e estendi-lhe a mão. Aceitou sem hesitar e agradeceu-me com um olhar e um sorriso.

— Offendi-a, minha senhora? lhe disse em voz baixa. N'esse caso, supplico lhe que me perdõe, porque foi sem querer, juro-lhe.

— Não fallemos mais n'isso, senhor, respondeu ella readquirindo a sua meiga serenidade. A's vezes sou de excessiva susceptibilidade e é talvez bom que não me façam sentir quanto ella tem de ridiculo.

No momento em que ia replicar ouviu-se um apito; as amarras soltaram-se e o vapor partiu.

TRADUÇÃO

(Continúa).

Carnaval

Chegou o Carnaval, o tempo da folia!
E tu, ó Humanidade, esqueces n'um momento
A dôr que te consome, o enorme soffrimento
Do teu cruel viver! Ephémere alegria!

Surgiu, enfim, radiante a luz da Hypocrisia!
E ao seu rubro clarão, terrifico, sangrento,
Eu vejo a tresloucada a rir com Fingimento...

Convulsa gargalhada atroz da Ironia!

As chagas do teu corpo infeccionado e pôdre,
Que a bacchanal constante ha transformado
em ôdre,
Envolves n'um roupão, futil, carnavalesco..

E assim modificado o teu aspecto informe,
Tu ris de cara alvar, qual hystrião enorme,
Emquanto eu choro ao vêr teu rir funambulesco!

LX.º 24. Fev.º 908

MAC-ILLERNO.

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

VI

Eram 5 e meia da manhã quando, levantado o bivaque e desfeito o entrincheiramento de saccos, a columna iniciou a marcha. A principio nada veio quebrar o silencio com que a executamos. Os soldados, nós todos em fim, anciavamos por um novo encontro com o inimigo e esperavamos-l'o desde a véspera; de noite por todos os lados se ouvira bater *cua* desesperadamente e quem tivesse fitado durante algum tempo o campo exterior do quadrado veria moverem-se rapidamente lá muito ao longe grupos de tições, que os cuamatos agitavam doidamente no ar, marchando para o local de concentração. Finalmente ás 6 da manhã soou um tiro d'arcabuz, lá muito afastado, era o signal do generalissimo negro. O ar tristonho com que caminhavamos cabisbaixos cedeu a vez a uma alegria feroz que nos animou as feições, um frémito de entusiasmo percorreu a columna como se o sopro d'aquelle tiro nós insulfasse nas veis novo sangue, uma vida nova. Formámos quadrado e continuámos a caminhar. Entrámos n'uma chana, ao centro da testa da columna, e onde os sapadores em guarda avançada iam abrindo caminho, dirigem os negros dois tiros matando immediatamente dois homens. Quasi á queima roupa, ahí a uns 80 métrros, uns negros entrincheirados atiram sobre a face da frente certeiras balas. O commando manda carregar na direcção do ataque. Na direita, rectaguarda e esquerda o ataque não era menos violento. Entrincheirados nas libatas, escondidos nas vedações dos *arimos* (campos de cultura) em buracos no chão, nos mouos de salalé, nas arvores, em abrigos cavados de proposito para esse fim, por toda a parte em fim os cuamatos caçavam o branco e estavam dispostos a não abandonar o terreno em quanto houvesse uma amostra dos nossos soldados. Para avançarmos um passo era necessario uma carga em todas as direcções, era indispensavel arejar o quadrado. Assim se fez. Umas descargas bem dirigidas da infantaria preparavam o negro, a carga afastava-o e quando retrocediamos era para ir mais adiante formar um novo quadrado que por sua vez carregaria e assim por deante.

Aos nossos movimentos d'avanzo correspondiam claramente accentuadas as retiradas dos pretos e a nossa retirada marcava os movimentos d'avanzo dos negralhões. A pequena distancia estava já o Daméquero para onde nos dirigiamos.

Começamos a bivacar e construir o entrincheiramento e o fogo não afrouxou até á 1 e meia da tarde hora a que quasi desapareceu completamente. Esta marcha foi uma das acções mais decisivas da campanha não só pela grande confiança em si proprio que o soldado adquiriu mas pelo abalo enorme que produziu no moral do preto. Diziam elles:—branco é tão valente que até cãe morto, levanta-se e anda sempre. — A marcha que vinhamos d'executar pôde considerar-se, como dizia o Capitão Roçadas, a celebre marcha de 13.

O dia 14 passou-se sem novidade. Os trabalhos de intrincheiramento começaram na vespera, mas que a fadiga

nos largou porque eramos bons, davamos *cacharamba* (aguardente) e outras coisas.

Pelas 5 horas da tarde o inimigo atacou vivamente o quadrado, ataque que se prolongou até ás 7 horas da noite com bastante intensidade, trocando a essa hora a espingarda pela tribuna e começando a arengar e dizendo improperios de tóda a especie a que os nossos delegados respondiam com amaveis convites de que viessem beber alguma coisa e que esperassem a nossa visita qualquer dia na embala.

Em 16 nada de anormal. A construcção do pequeno posto feita pelos sapadores, pessoal das companhias indigenas e voluntariamente por algumas praças da companhia de guerra proseguia.

As aguas começavam a produzir os seus terriveis effeitos e as febres, embora benignas, iam augmentando. A chuva que começára n'este dia, alguma coisa contribuia para o mau estar dos homens.

Em 18 chegou o comboio, 70 carros, escoltados pela marinha, dois pelotões da 14.^a, o 1.^o esquadrão e cerca de 300 auxiliares pretos. Pouco depois estando o gado a pastar, sobre a direita um numeroso grupo de gentio avançou sobre o gado. Uma peça Ehrardt fez fogo e os auxiliares, agora já valentes, carregaram sobre elles repellindo-os.

Em 19 distribuiu-se rancho frio para o dia seguinte, a chuva continuou, com trovoadas, a massar-nos durante a noite.

O forte foi entregue á sua guarnição. Um pelotão da 14.^a, um pelotão de estropiados de gente branca, uma peça de 7.m B. E. M. e uma metralhadôra. O commando foi confiado ao capitão d'artelharia Carrilho.

Em 20, pelas 4 horas da tarde, tudo estava acordado, a roupa molhada sobre o corpo. Emalaram-se os capotes, bebeu-se o café (o que não era muito frequente) e pelas 5 e meia começou-se a marcha.

Andámos talvez meia hora sem fogo, depois do que elle começou com bastante furia prolongando-se até chegarmos a Alúenda onde nos intrincheiramos. Durante o percurso incendiaram-se varias libatas. Tivemos n'esta marcha 18 baixas, entre mortos e feridos. Foi aqui que o tenente Prats de cavallaria na occasião em que descansava debaixo d'um carro recebeu um tiro que o matou instantaneamente.

Como não podia deixar de ser, o inimigo atacou de dia e noite o quadrado respondendo nós por vezes ao seu fogo.

No Alúenda tiveram rancho quente a marinha e a companhia de guerra, pois foram as unicas cacimbas que deram agua (cada unidade abria as suas) que chegou para todos beberem.

FIGURAS DO PALCO



Actor Silvestre Alegirim

não pôde deixar concluidos, proseguiam. Abriram-se cacimbas que davam bastante agua mas de pessima qualidade, começou a organizar-se um comboio que iria ao Ancongo, posto de reabastecimento já montado, a buscar viveres e munições para a columna.

Em 15 de madrugada partiram os 30 carros que constituíam o comboio e a sua escolta. Commandava-o o 1.^o tenente Sepulveda.

Pouco depois numerosos grupos do gentio começavam apparecendo na direcção da face esquerda. Saiu o 2.^o esquadrão dando uma larga volta de disfarce pelo matto e recolhendo sem novidade.

O commando resolveu que se construísse um fortim, segundo posto de abastecimento, cuja construcção se começou n'este dia.

A tarde uma prisioneira feita na vespera, uma pobre velha cuamata, foi solta e caso curioso tão má idéa ficou fazendo de nós que voltou e não mais

(Continúa).

ARTE

DE

TEATRO

Ainda a peça de Rosignol: *Liberdade* — *Direitos Paternos* 4 actos de Albert Gimon e Alfredo Bonchinot tradução de Santonillo — *Oh!* comédia em um acto, tradução de Marçal Vaz

Conforme prometeramos no ultimo numero, concluiremos hoje a nossa apreciação sobre a interessante obra catalã: *Liberdade*. Se fosse uma banal peça de românticos efeitos, seria demais tanto dispendio de tinta e roubo de tempo aos pacientes leitores desta secção. Felizmente, a *Liberdade* merece todos os reparos pela nobreza das suas intenções e pureza dos seus ideaes.

O assumpto balisar da peça é a lucta tigrina que existe entre a raça branca e a raça negra. A cor da pelle ainda se não solidarizou de forma que um individuo decôr negro reivindicue os seus direitos de humano ente ao lado do branco usurpador das chamadas civilisações. Embora os representantes da raça negra sejam aceitos, por vezes, no convívio de brancos, nunca são recebidos com as deferencias que entre estes se permutam. Se alguns, mais felizes, se arrogam de boas recepções, é porque levam um bilhete de visita que em grossos caracteres annuncia: Roca... S. Thomé. E' então que o capital aproxima os homens sem lhes indagar das côres.

Rosignol, hábil psicologo, paralelisa, com talento de observador, as pequeninas perfidias dos habitantes duma cidade catalã, com a ingenuidade natural dum pobre negro isolado de carinhos na civilisação europeia. Toda a população apregoa principios democraticos, mas desprovida do verdadeiro sentido moral, não reconhece no negro iguaes sentimentos de justiça, premeditações de castigo amor por uma donzellinha. Esta, não é senão a síntese da educação convencional dos europeus, e, embora sinta afeição por elle, não corresponde á ventura sonhada, porque Jaumet sofre do mal de não ser da brancura do seu rosto, do alvôr da sua pelle assetinada... Jaumet ainda suportaria as vaias dos brancos, em holocausto ao seu amor; mas assim, sem o olhar meigo de Florentina, prefere voltar aos desertos do seu paiz, onde — sabe-o! — não encontrará o resgate da sua cor, mas a igualdade dos abandonados, como elle.

A consubstanciar o fio gerador da peça, que critica intensa aos constantes apellos á liberdade, empeçonhada pela bocca desses pretensos revolucionarios! No 1.º acto, ha o discurso dum defensor do povo que vinca fundo o sofisma politico. Aquelle D. Patricio é tirado do natural. E' um actoa admiravel de technica. O 2.º passado n'uma assemblea politica, onde de tudo se trata menos do fim que a reuniu: o bem do povo; é dos melhores. Lembra-nos o 4.º acto da peça de Ibsen: *Um Inimigo do Povo*. O 3.º accelera-se até á scena final, duma grande intensidade filosofica.

Quanto ao desempenho, pena temos de não ser benevolos, mas como se não falla duma obra vulgar, vemo-nos na situação de dizer o que sentimos.

O sr. Luciano, artista de valor demonstrado em peças do genero, grande na interpretação do poema *Amnhan*. deveria não aceitar o papel de Jaumet. Não que o não sinta; o fisico atraí-lo-o. E o sr. Luciano sabe quanto é preciso tornar simpatica aos olhos da plateia, toda de idéias preconcebidas, uma figura nova na maneira de exteriorisar. Além disso arranjou uma carapinha que lhe avolumou a cabeça. Vestiu um fato que deveria ser preto para diminuir o corpo; já de si nutrido.

Razão teve o digno critico d'*O Mundo* ao

ver o preto interpretado pelo sr. Luciano: — «Eu, Florentina, negar-lhe-ia tambem a minha mão». O sr. Luciano tem responsabilidades adquiridas. Evite censuras. O sr. Avellar, um novo, não compreendeu o seu papel. Faz na *Liberdade* um revoltado consciente, não é assim? Ora um propagandista que derrue, pela eloquencia, as mentiras religiosas, sociaes ou politicas, não pôde de forma alguma elevar os olhos, como a fixa-los no firmamento. Esse gesto fica bem a um místico e nunca a um revolucionario que lê. Quando lhe destruirem papel que a este se assemelhe, não gesticule tanto, pois afasta a atenção do espectador que deve estar inteirinha na dicção firme de creatura que pensa o que diz. O sr. Thomaz Vieira, com certeza se esqueceu de que a acção da *Liberdade* se passa na Catalunha—vestiu o seu papel como se fosse um bravo do Mindello! E depois que dicção! Tome tento. E' preciso articular bem para que a phrase lhe saia nitida, sem silabadas. O sr. Lima Teixeira mostrou boa vontade, mas permita que o aconselhemos: quando tem de dizer as palavras: *amor, final, flor, ideal*, acrescenta-lhes a vogal-e, o que resulta ouvirmos — *amôre, finale, flôre, ideale*. E' tão facil de evitar erro tão palmar de declamação. O sr. Pinto de Campos, procurou acertar no D. Patricio. Podia ser mais emphatica a dicção do discurso. Nos politicos, o empolado supre o natural. O sr. Mario Velloso, julgou-se a fazer o Pintor d'*O da guarda!* Não representou o papel; gingou-o. Do sr. Migueis, lamentamos que nem uma palavra percebêssemos! A sr.ª Leonor Faria, poderia ter evitado *cantar* a ingenua Florentina. Assim as inflexões sahiram-lhe falsas. Só a naturalidade artistisada consegue commover. A sr.ª Georgina Vieira é o cumulo do exagêro scenico: a cada palavra, um gesto; a cada gesto uma carêta. Deixe se disso. Propositadamente deixámos para o fim o elogio ao sr. Arthur Rodrigues. Foi o unico artista que estava a dentro da sua personagem. Pezo, conta e medida. Muito bem. Pedimos á empreza que attente neste rapaz, um dos raros artistas da casa.

Para acabar, muito desejaríamos saber quem encenou a peça. O sr. João Mendes, certamente não foi. Que série de disparates! Que falta de homogeneidade na marcação! O sr. ensaiador da *Liberdade*: uma peça como esta demanda de vastos conhecimentos da psicologia das multidões. A assemblea do 2.º acto deveria ter o triplo de gente. O valor todo estava em movimentar todas as figuras ao sabôr das paixões do momento. Mesmo que a rubrica da peça não mandasse pôr secretarios á presidencia, devia pô-los, porque não se compreende uma presidencia sem auxiliares. Quando se não sabe, evitam-se descabros artisticos. Quem te manda a ti...

O Teatro D. Amelia tem ganho, esta epoca, as atenções dos verdadeiros amigos de arte dramatica. Não que as peças sejam de merito absoluto, mas devido ao caprichoso desempenho que hão tido. Ignoramos se é adrede preparado para contestar o dos artistas—quase todos!—de D. Maria. Todavia agrada-nos notulá-lo porque representa boa somma de energias evolutivas na arte interpretativa dos nossos comediantes. Louvavel esforço esse e que d'elle se não arrependam, é o nosso desejo.

Na noite de 19, deu-nos mais uma traducção *Direitos Paternos*.

Analisemo la consoante a nossa receptividade. Carlos Orsier, architecto distincto, divorciou-se, deixando no lar materno, como lembrança de bohemio, uma pequerruchinha de quatro mezes. Levando vida faustosa, devido ás suas qualidades profissionais, consegue enriquecer. Farto já de experimentar todas as commoções diversissimas que enganosos prazeres lhe dão, recorda-se de que tem uma filha em Paris que deve estar uma senhora—pois já decorreram 19 annos que abandonou a França. Tanto

mais que a lei faculta-lhe a posse do ente quase desconhecido, durante 20 dias em cada anno. Deita mãos á obra e envia á divorciada um procurador com plenos poderes de exigir sua filha, caso a mãe apresente reluctancia. Madame Orsier, vive com modestia, resignada, revendo todo o seu passado nos olhos doces de Joanna. Eduardo Liégeois frequenta a casa como bom amigo. Naturalmente enamora-se de Joanna a quem confessa o seu amor. Esta não nega o consentimento e por simples gratidão condescende em ser sua esposa. O pedido é feito com alvoroço da parte de Eduardo e recebido por Madame Orsier com intenso jubilo. E' n'este momento que chega o procurador. Madame Orsier fica estupefacta, ainda mais porque seu ex-marido durante tantos annos abandonou a filha. O procurador argumenta, vencendo a dôr da separação pelos dias estabelecidos pela lei. Joanna, vae para casa de seu pae, resolvida a mostrar-lhe tão má cara que logo o obri-gue a devolvê-la á mãe. Orsier, ancioso por sentir as primicias do sentimento paternal, desilude-se. Então procura um amigo intimo para ser seu convidado no primeiro jantar a que Joanna assiste. O amigo, Jayme Thouzery, auditor do Conselho d'Estado, é um rapaz alegre, cavaqueiador, e á força de subtilidades consegue desfazer a geleira que divide pae e filha. Orsier, psicologo conhecedor do coração feminino, rodeia Joanna de todos os motivos estheticos, aguçando-lhe a vaidade hereditaria. A' custa de pacientes carinhos insinua-se e conquista o seu logar de pae extremo. Jayme apóz muitas e variadas conversações declara a sua afeição por Joanna, que logo o repelle, lembrando-lhe que está noiva d'outrem. Madame Orsier, mortinha de saudades pela filha ausente, não resiste e vae a casa de Carlos para vê-la. Entra e depara com Joanna perfeitamente outra, coberta de joias, ataviada ricamente. Receia que sua filha a não ame como out'ora e quer levá-la. Orsier lamenta que, agora que resgatou o seu passado de pae, fique só. Joanna não quer abandonar um nem outro e pegando-lhes das mãos reune-os a sellar a desfeita alliança.

Tem certa originalidade a estrutura dos *Direitos Paternos*. O 1.º acto é monotono. O 2.º tem uma scena interessante: a da entrada de Joanna em casa de Orsier. O 3.º impõe-se pela maneira persuasiva com que Carlos conquista a filha. O 4.º, é o de acabado sentimento. Se outro valor a peça não tivesse bastaria o da scena em que Orsier aconselha sua filha que siga o homem de que gosta, embora não cumpra promessas de noivado feitas por méra gratidão.

A interpretação é, por vezes, felicissima. Augusto Rosa marcou com intelligencia o 2.º e 4.º actos. Lucilia Simões, correctora do 3.º acto em deante e humana na scena em que recebe a carta de sua mãe. Foi verdadeira. Carlos d'Oliveira deu caracter a um apagado papel. Josepha d'Oliveira, equilibrou-se na Madame Orsier. Bom é que evite gesticular demasiado. Toda a gente sabe que o coração está no peito... Azevedo, exagerou um pouco.

A traducção é incorrecta, como todas as de Santonillo.

A encenação é que não foi traduzida...

O sr. Marçal Vaz, é o pseudonimo dum rapaz amante de teatro, pessoalmente uma joia. Quer á viva força traduzir peças, mas tem a infelicidade de encontrar artistas que o comprometem. Elle poderá escrever maravilhas, tropos bem trabalhados que, passados pela fieira da interpretação, saiem asneira certa. Foi o que novamente lhe aconteceu ao fazer representar no teatro Avenida em beneficio do ponto Tavares Coutinho, na noite de 21, a comedia franceza, *Oh!*...

Para elogiarmos, buscaremos o nome de Auzenda, artista que se os srs. empresarios fossem mais expertos iriam salvar ao Av-e

nida. Aproveitem-lhe as qualidades, srs. empregados de comédia. Para dizermos mal, atiramo-nos ao sr. Martins dos Santos. O exagero em scena só se admite a um actor que tenha aptidão para o burlesco agudo. Caso contrario é melhor procurar outra vida.

Quem foi o ensaiador do *Oh!*? E levanta-se um padeiro á meia-noite.

MARIO LAGE.

Lembrança

(A' minha Irmã Laura)

Volteia alegremente a mariposa
Por entre as flôres,
Roubando-lhes, feliz e descuidosa
Finos odôres.

Mas eis que um sopro atroz da Desventura
Sem piedade,
A priva n'um momento da doçura
Da Liberdade!

Talvez que ella procure 'inda viver!
Doce illusão!
Em breve sentirá desfallecer
Seu coração

Nós proprios, cuja força é mais possante
Nós que pensamos,
A Desgraça prosegue triumphante,
Em vão luctamos!

Por isso minha irmã, o que eu desejo,
O meu sentir,
E' que nunca o Destino tenha ensejo,
De vos ferir.

23-Nov.-907.

MAC-ILLERNO.

Cumulos

Do descuido — Cahir em si.

Da distracção — Metter a espada na bainha do lenço.

Da arte — Fazer um anel para o dedo da Providencia.

Da devoção — Assignar de cruz.

Metter uma torneira no Pote das Almas.

Despegar um prior collado.

Tocar burros por musica

Subir ao ceu da bocca



Semana Alegre

N'um exame d'istoria:
O examinador — Quem foram os primeiros povos que evadiram a peninsula?
O alumno — Os Filippes.

Desalento

Nesta vida de trevas em que adejo
sem luz alguma ter, sem ter esperanza,
ainda ás vezes penso em ti, creança!
ainda ás vezes sonho que te vejo.

Deixaste-me sem dó, nem um lampejo,
seque a negra sorte minha alcança,
e segue estou inteiro á desesperança
do bem que me fugiu, e em vão almejo.

Cruel! Foste cruel em me fugir
deixando sem alento o meu amôr,
que a alma, m'a levastes, ao partir!

E eu que em ti, creança! havia crido
só tenho por consolo a esta dôr,
as lagrimas amargas que hei vertido!

H. A. B.

Hontem e hoje

O meu amor despresaes
por outro amôr mais sincero;
por isso, mal, vos não quero,
nem quero que m'o queiraes.

Se o meu perdão imploraes,
perdoe-vos sem desespero;
não me julgueis tão austero
quão austero me julgaes.

Que, a vida, sabeis, meu bem,
não é somente a alegria
é a tristeza tambem!

Amei-vos, e quiz cantar-vos
e quando a cantar-vos ia
vi-me obrigado a chorar-vos!

ARTHUR C. D'OLIVEIRA.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Alfredo dos S. C.

Muito poupado, excellent administrador dos seus bens de fortuna, talvez mesmo alguma inclinação para o abismo da avarêza. Cuidado, não se deixe dominar por esta terrivel qualidade; se a avarêza o empolga, está perdido!

O sr. é pouco prudente; corrija-se.

Tem tendencia para a preguiça e para o charlatanismo: pêlo amôr de Deus, vença esses terriveis defeitos.

Antes d'emittir a sua opinião sôbre qualquer assunto, pense pêlo menos meia hora.

Vêjo que teve tendencias para a vida eclesiastica mas que conseguiu dominar o *apetite*; fez bem?... fez mal?

Terá a mocidade atribulada.

Hade sêr como frei Tomás; dará bons conselhos aos outros e fará o que lhe parecêr.

Antes dos trinta annos não conseguirá têr um bom emprêgo.

Não sei se casará, garanto-lhe no entanto que será pae de três filhos: o primeiro e o segundo morrerão cedo e subitamente, o terceiro talvez morra queimado.

Consulente:— Augusto L. R. de S.

Lançar-se-ha com ardôr na lucta pela vida; combaterá com vigor e energia com os olhos fitos sempre no seu ambicioso ideal. Conseguirá deitar-lhe a mão? Não sei, mas se vencêr será depois dos cincoenta annos. Será generoso e bom, amigo do seu amigo e... oh? quantas ingratições lhe amargurarão a existencia! Um pouco atrevido e presunçoso, faladôr e custando-lhe muito a guardar um segredo!

As mulheres e o dinheiro serão os seus idolos.

Hade têr terriveis inimigos.

Seus paes deixar-lhe-hão uma pequena fortuna que o sr. esbanjará julgando decuplical-a.

Casará duas vêzes.

Mau musico e mediocre literato!

As suas qualidades moraes melhorarão sensivelmente com a idade, mercê da pratica do espiritismo de que será um fervoroso adepto depois dos quarenta annos.

Consulente:— Carlos A. A. M. J.

Ama o trabalho e os proventos obtidos por meios honestos. Tem grande aptidão para as sciencias economicas e commerciaes.

Milagre será se não chegar a sêr rico.

Graciôso, sincero, amavel, alegre e honesto.

Estomago fraco. Viajará e será querido em todos os países que visitar

Em *pontos* d'honra será tôdo *pontinhos*.

A sua melhor qualidade será a força de vontade necessaria para resistir ao impeto das paixões.

Acusal-o-hão aleivosamente de têr cometido um delito mas, facilmente provará a sua innocencia.

Um cão mordêl-o-ha nas pernas.

Será dotado d'um espirito critico assaz fino e acerado.

G. C.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA.

**QUAL E A COISA,
QUAL É ELLA?**



**O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio-UM TINTEIRO DE PRATA**
Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª—Enviar nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual e a coisa qual e ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.ª e 3.ª logares.

Logogriphos

Rapido

No homem 1, 2, 3, 4, Ave brasileira
No homem 5, 7, 8, 9 SADO

Charadas

Erguia-se altiva outr'ora
Essa planta no jardim;
Era a mais bella de todas
Que eu via em volta de mim.

Porem um dia o calor
Do sol ardente queimou-a
E, atacando a pobre planta,
Poz-lhe um defeito, marcou-a.-2

A pobre planta, coitada,
De desgosto entristeceu,
Na haste se debruçou,
Deu-lhe a doença, morreu.-2

Da pobre já nada resta,
Em cinzas se transformou,
Alguem, porem, n'uma porta,
Junto á chave, a encontrou.

J. L. P. F.

Novissima

Em regiões amenas e climas d'ouro andei
em passeio-1-2

APOLLO

E' proprio do felino, occultar-se na toca,
para caçar a ave-2-1.

TIMIDO

No cabo da Roca o homem é a personifi-
cação da asneira-1-2.

R. NOSSOS

Bisada

3-Nas embarcações vé o appellido-2.

LITRAS

Biforme

O mineral é d'este homem-3.

AÇNAREPSE

Syncopadas

4-D'esta planta fiz um encosto-3.

REI DOS DOIDOS

5-Na bocca está a ave-2.

TIRA MITRAS & C.ª

Augmentativa

Ha esta divisoria n'esta terra-2.

(Estremoz)

PUMPUM

Addicionadas

Frouxa-2

—fi—

Saporifica-3

ALPHA

Direita-2

—ci—

Espectaculo-3

PINGOLINHAS

Enygmas

Faço parte d'uma série,
Que chamam illimitada,
Sou palavra bem pequena
De quatro letras formada.

Porém é caso esquisito
E deveras singular:
Meu todo, com duas letras
Sómente, posso formar.

As vogaes e consoantes
Entram em partes eguaes,
As consoantes são duas,
Outras tantas as vogaes.

Não quero mais complicar
Nem fazer-lhes confusão:
O meu começo é um i
E um x a terminação.

J. L. P. F.

Typographicos

RA MINHO

BAILIO

Por iniciaes

Q C P A M D N P
I 2 I 3 I 2 2 3

J. P.

A P A F P
I I 3 2 3

J. P.

De palitos

--	--	--	--	--	--

Tirando 13 palitos fica uma planta.

J. P.

--	--	--	--	--	--

Tirando 10 palitos fica uma figura.

J. P.

Artigos a decifrar, 18

ATTENÇÃO

Vamos iniciar no **Azulejos** uma secção de annuncios de compra e venda de gado cavallar e muar, inteiramente nova no paiz e que nos parece de toda a vantagem para o Sport Hyppico.

O vendedor virá a esta redacção, onde por modico preço, obterá uma senha que lhe dá direito a quatro annuncios e a apresentar-se no picadeiro do Ex.^{mo} Sr. João Gagliardi, R. D. Pedro V, 70, afim de lhe ser resenhado o respectivo cavallo, resenha que será publicada e pela qual o comprador saberá a altura, ferro, cor, raça e mais condições do animal á venda.

Este jornal não recebe commissão alguma de venda ou compra.

Julgamos por esta forma preencher uma lacuna que pode ser util, visto como sómente pelo annuncio o comprador ficará sabendo se o animal á venda satisfaz aos requisitos que deseja.

PROF. F. DE AZULEJOS

A minha filha

AVÉ-MARIA

IMPROVISO
Solo de Tiple

Manuel Iguacio Jorge

VOZ *Med.^o* *Tiple solo*

PIANO

A - ve Ma - ri - a Gra - ti - a ple - na Do - mi - nus

Do - mi - nus te - cum Be - ne - dic - ta lu - in mu - li - e - ri - bus et be - ne

di - ctus - fru - ctus ven - tris fru - ctus ven - tris sui ve - sus San - ta Ma -

ri - a Ma - ter Dei O - ro pro - pria pec - ca - to - ribus Nunc - et

con parlamento

nunc - in - ba - ra mer - ita nos - tra A - men A - men - a -

men - a - men A - men - a - men - a - men - a - men -

NO PROXIMO NUMERO:
COQUETTE - Polka por JULIO NEUPARTH